

Barros Pinho é cada vez mais Poeta. Os seus livros revelam que ele tem conseguido uma extraordinária progressão em termos de qualidade do produto literário. E o mais surpreendente em tudo isso é que tendo escolhido a carreira de técnico de administração, ele fez deliberadamente a sua opção pela Poesia. Opção que, sem dúvida alguma, lhe deve ter custado bastante caro. Mas não é isso o que importa no momento. O que importa agora é saudar este Poeta como um dos valores mais expressivos de sua geração. Poeta que tem plena consciência da destinação que lhe coube. Destinação de que ele se desincumbe com absoluta humildade, pois não ignora que a poesia é a letra do nosso tempo. E sua profissão de fé, como Poeta e como Homem, está plenamente justificada nestes versos: "a minha solidão / me comporta / por inteiro".

MESOFÁCIO *

EUSÉLIO OLIVEIRA

a palavra atravessa os condutos do desenvolvimento humano sem perder os elementos constitutivos e essenciais de matéria-prima, isto é, de argamassa verbiótica, basificando o edifício/universo da comunicabilidade entre o ser e seu habitat social.

efetiva o compromisso ideogramático para identificar o gesto e a opção. é ponte de ligação entre o arquipélago comunitário e o continente unívoco do conhecimento. é bigorna que molda o ferro incandescente da extrospecção íntima transformando-a em lingotes de diálogo.

signo articulado. aproximação. identidade. soma atomizada da unidade eu/nós. e esse pólo bilateral se consolida na presente obra literária como um depoimento pautado no princípio/verbo e fim/verso. poesia imune de imitacionismo. anti carbono.

construção poética despida de arcos e capitéis comuns no subjetivismo barroco daqueles que omissos do processo cultural procuram impressionar a sensibilidade piegas dos semelhantes. poesia despida de adereços natalinos, livre da embalagem verbal presa aos laços coloridos do habitual, isto é, do ilusionismo mágico da mentira confeitada.

josé maria barros pinho não faz do poema um passatempo predileto da elite supe(r)ada, mas produto inventivo do sensível apreendido. autor fiel ao sentido permanente e mutável das coisas, não adultera o sentido maior do aprendizado, transformando o símbolo poético em cipó para o vôo circense do

* Mantivemos a grafia mas não a diagramação do original.

tarzan-ideológico-festivo que consuetudinariamente grita na floresta emocional da burguesia desesperada. é o portador da senha verbal que obstrui o sonho. gestor daquela preocupação responsável em se tratando de alijar o equívoco teorizante e dogmático. toda a estrutura, formal e conteudística, de sua obra não apresenta nem de leve as equimoses ou danos de uma derrapagem intempestiva no aterro do improviso, mas a denúncia de uma ruptura com postulados senectos. ela foi germinada e construída como uma insubmissão contra o empacotamento promocional de uma minoria que sempre confundiu arte com panfleto mimeografado, estesia com almanaque capivarol, social com popularesco, esnobismo autodidata com consciência intelectual. José Maria Barros Pinho com seu *planisfério* é um estro/nauta, habitante da cápsula poética, não em busca de estrelas bilaquianas, mas um homem a serviço da mensagem e da integração cultural. sua obra literária tem a fisiognomia de um condomínio da sensibilidade mundividente. objetos fabricados com o tecido têxtil do texto no tear signográfico. Estoque válido para consumo imediato onde se destaca a ausência do intermediário e do fortuito. presença agressiva da originalidade. tapeceiro exímio da palavra. artesão práxis e poeta do antecipado. em percorrendo as cabines espaçosas de seus poemas constatamos a intenção serena de, ciberneticamente, vedar as portinholas sentimentalóides da nave verbal a fim de que a visão viciosa de paisagens comuns não afetasse a perspectiva matemática de novas investidas no até então indevassável. e ele como piloto não teme a audácia da missão, nem transpira pelos poros do lirismo leucêmico a pastosa e úmida secreção do arrebatamento heróico/discursivo do chamado realismo social. também não está passível de ser vítima do embriagamento nauseante da filosofia pó de arroz "made in sodalicio".

no conjunto a confecção poética de Barros Pinho difere dos demais companheiros de sua geração em sendo o montador lúdico/geométrico de cada bloco verbi/comunicatório.

há nos estágios de seu míssil verbal a nudez edênica do invento. a perfeição nítida como uma lágrima. a busca precisa e contínua de um contador **geiger**. desnecessário se torna enunciar este ou aquele poema, pois o encargo que se nos apresenta não se identifica com a missão maquinal de um **maitre** do paladar coletivo. as unidades e frações da obra abordada não se desintegram no atrito do personativo, mas r(existem) no circuito de uma elipse vigorosa e científica. poeta-homem-artífice o anti-homossexual em poesia. José Maria Barros Pinho não é um jardineiro onânico. age com a palavra como um domador. é o possuidor e não o possuído. não é um poeta de cúpula, mas de cópula com a docilidade feminina da palavra. não pratica nem confunde arte com artifício. marca e demarca o limite entre o micro e o macro. consoma o poético e o pólen/polêmico. cartógrafo dos sentidos e dos gestos. temp/oral.

planisferio não é um índice remissivo do que foi dito. é o bem dito sem a carga evasiva do místico. míssil mesmo. elaboração consciente de um poeta

autêntico que participa do *processus* cultural. do tempo em que vivemos. em sua hermenáutica sintaxe verbal não vislumbramos o pessimismo caboclo, linha rata-plan do esquerdismo teleguiado. conduz pelo senso e não pela censura estereotipada. cada palavra é uma ducha líquida que apaga o pavio da bomba e do medo. devasta áreas até então desabitadas pondo em cada um de nós o estímulo otimista da vida e do amor.

temos a onisciência de por intermédio deste **mesofácio** anunciar o surgimento e a circulação de uma obra poética digna de destaque. obedecemos ao critério de considerar eliminando aprioristicamente o perigo tradicional e o lugar-comum de tecer a teia das comparações e enfoques analógicos. José Maria Barros Pinho independe desses exercícios ginásticos da crítica. daí a nossa preocupação maior de cientificar o público e não de confundi-lo com teoricismos caducos. a arte e a poesia são forças autônomas muito embora interdependentes, vinculadas ao compromisso de integrar o homem na partitura harmônica do uni/verso.